

ÁGUAS PASSADAS

Escritoras de Pará de Minas contam histórias...



**Maria de Fátima Moreira Peres
e Terezinha Pereira (org.)**

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2017



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

ILUSTRAÇÃO
Lisianny Marinho

REVISÃO
Imaculada Nascimento

CAPA E DIAGRAMAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P437A PERES, MARIA DE FÁTIMA MOREIRA. 1958-
P436A PEREIRA, TEREZINHA. 1948-
ÁGUAS PASSADAS / MARIA DE FÁTIMA MOREIRA
PERES E TEREZINHA PEREIRA. -
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2017.

126 p. : 21 cm.

ISBN 978-85-5833-264-4

1. CONTOS I. TÍTULO.

CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

LA MIA NONNA

Adélia Salles

A minha personagem veio de outros tempos e de outras latitudes. Decorria a última década dos anos 1800, quando o clã Chelini, da Itália, decidiu se transferir para o Brasil. O clã era assim constituído:

A matriarca, Anna, e seus filhos: Remo, casado com Maria, que veio a ser a personagem principal desta estória, sua filhinha de um ano, Paulina; e Thomaz, casado com Gianneta, casal ainda sem filhos, naquela ocasião. No Brasil, a família cresceu bastante: Remo e esposa tiveram ainda dois filhos e quatro filhas. Thomaz e esposa aumentaram a prole em três filhas e dois filhos.

Ouvindo estórias sobre o novo mundo, decidiram “levantar âncora” no Norte da Itália, na província de Emilia Romagna, para a América, da qual eles só sabiam: que era muito longe, de clima muito bom, de gente acolhedora e futuro bem mais fácil do que em seu país de origem. Explicaram a eles que aqui, no inverno, não haveria necessidade de armazenar comida. Então, vamos para lá e seja o que Deus quiser.

Embarcaram em um navio de nome “Solferino”, em Gênova rumo ao Rio de Janeiro. A viagem durou cerca de

um mês. No meio da travessia, uma passageira pegou uma doença, não sei qual, e apesar do esforço dos médicos de bordo, não resistiu à febre nem ao desconforto. A vítima, uma jovem italiana, faleceu, não teve um enterro cristão, simplesmente foi jogada ao mar. Todos os passageiros sofreram muito com este episódio, claro. Sempre ouvi narrativas dramáticas sobre esse assunto. Na volta para a Europa, o “Solferino” sofreu uma série de problemas e afundou, matando várias pessoas.

A minha família viajou sem muito conforto e sempre rezando com fervor para que Deus a poupasse de dramas maiores. Durante a viagem houve, naturalmente, novos conhecimentos, novas amizades. Um desses compatriotas exercia o mesmo ofício que o meu avô, Remo. Ambos faziam sapatos artesanalmente, e ele já vivia no Brasil há algum tempo. Falava português com certa desenvoltura, vivia em Minas Gerais, em Juiz de Fora, e convidou o novo amigo para se estabelecer lá, o que foi aceito com muito prazer e alívio.

No último dia da viagem, ao descer até o porão para pegar sua bagagem, meu avô teve enorme decepção. Toda sua bagagem havia sido furtada, não sobrando coisa alguma, nem mesmo as ferramentas para seu trabalho. A vítima só aguentou o revés devido à bondade do novo amigo que lhe emprestou todos os objetos necessários, inclusive e principalmente as ferramentas para que ele pudesse começar a “fazer a América”, como se dizia naquela ocasião. Não conheço bem os detalhes, mas é fácil imaginar os apertos daqueles primeiros tempos: país estranho, idioma estranho, nenhum parente, nenhum conhecido, nada, nada.

Mas é nessas horas que uma mulher forte pode fazer toda a diferença: minha avó, a Dona Nonna, como a chamavam posteriormente os namorados e noivos das netas, assumiu bravamente as suas funções. Tendo sido menina da roça, sabia cozinhar muito bem, sabia fazer serviços pesados e difíceis, tecia linho, costurava bem e aguentava com pouca paciência as exigências dos homens italianos. “Mãe, esse *torteline* está delicioso, mas está faltando uma pitadinha de noz moscada”. O melhor restaurante de Juiz de Fora, naquela época, era o “Gato Preto”. Ela não titubeava. “Não gostou, não? Vá para o Gato Preto!” Esses homens exigiam perfeição na cozinha.

Os italianos recém-chegados não distinguiam queijo ralado de farinha de mandioca e achavam o queijo brasileiro muito sem graça. Como jamais haviam visto um abacate, confundiam-no com pera, certamente devido à forma, e achavam a nossa fruta horrível, muito sem gosto.

Assim, os primeiros anos foram se passando. O Chefe da família não gostava do pão fabricado aqui, preferia aquela panhoca horrível que existe na Itália, então as duas noras semanalmente tinham por obrigação varrer o forno do quintal, limpar tudo muito bem limpo e fabricar quilos e quilos de pão italiano, para satisfazer nada menos que 17 pessoas exigentes e famintas com as quais a família foi aumentando. E assim, passaram-se os primeiros tempos aqui no Brasil.

Meu avô Remo continuou a fabricar seus sapatos com muito capricho e cuidados até que, não sei como, ele inventou o “trecê”, aquele trançadinho de couro, tiras finas e pespontadas nas laterais. Quando ele conseguiu fazer o

primeiro trecê, foi uma festa barulhenta e feliz. Isso ocorreu em 1920, penso eu. A filha Paulina, que chegou com um ano de idade, já era uma jovem senhora, casada com outro italiano – Ettore Rivelli – e se responsabilizou pelos irmãos menores durante uma viagem que os pais foram convidados a fazer pela Itália, onde meu avô foi homenageado com um prêmio pelo invento. Ganhou de presente uma botinha feita em ouro com que presenteou seu filho caçula, Américo, que trabalhava no Banco de Crédito Real. Segundo me contaram, o meu tio presenteou o Banco com o prêmio recebido pelo pai, o qual eu nunca cheguei a ver, lamentavelmente.

Minha mãe me contou que, quando a mãe dela entrou em casa após a viagem, ninguém a reconheceu, tamanha a diferença que fez devido a uma magreza exagerada. “Mãe, o que aconteceu com a senhora que está magra deste jeito?” Ao que ela respondeu: “Saudades de vocês. Eu nunca mais vou viajar sem levar todos os filhos, não aguentava mais de tanta saudade”. E não viajou mesmo, nem com os filhos (o que seria muito difícil devido ao preço das passagens), nem só com o marido.

Quando eu era uma menina de uns oito anos, a minha principal diversão – quando em férias em Juiz de Fora – era ficar perto da Nonna e pedir: “Nonna, me fala da Itália.” E ela não se fazia de difícil, contava-me as primeiras e segundas e terceiras impressões do Brasil, um país tão grande e tão diferente da sua amada Itália. Então, ela me dizia do seu espanto com o desperdício no Brasil. “Mamma mia, quanta terra desperdiçada! Na Itália qualquer metro quadrado de terra era logo aproveitado com plantação de uva ou de qualquer outra fruta. Aqui no Brasil a gente pode viajar dias e

dias e não ver um pé de couve, de fruta, de nada. É muito diferente aqui. E as flores? Quando a plantação do trigo começa a amarelar, notamos as primeiras papoulas vermelhas que vêm “enfeitar” a paisagem. A mistura dessas plantas faz um lindo festival para os nossos olhos”, ela dizia.

Quando eu fui à Itália pela primeira vez, no início da viagem (de trem) de Gênova até Nápoles, eu fiquei na poltrona da janela para “curtir” as lembranças de minha já falecida avó, e vi – pela primeira vez – aquela mistura de trigo maduro com as papoulas. Tirei um lenço da minha bolsa e chorei tudo o que estava estrangulando a minha garganta.

Quanta saudade, minha querida Nonna, da casa de Juiz de Fora, a senhora passando a ferro a roupa da família e sua neta aborrecendo-a com as perguntas e cobranças dos casos dos seus velhos e bons tempos, que a senhora nunca mais voltou a viver. E me relatou também que até os funcionários da Ferrovia aproveitavam os centímetros quadrados das laterais dos terrenos para plantar uvas deliciosas que os passageiros dos trens tiravam através das janelas abertas, com o auxílio de tesouras, para irem chupando os bagos mais maduros no decorrer das viagens.

Depois da viuvez, minha Nonna perdeu muito da graça de viver. Aos 75 anos de idade ela chamou sua nora e lhe disse: “Josefina, vou te dar um presente muito caro para mim”. E ela, muito interessada: - “O que é, Dona Maria?” Apontando para a cozinha, ela respondeu: “É isto aqui. Já estou com 75 anos, velha, cansada e sem muita energia. Então, de amanhã em diante a cozinha é totalmente sua. Já não quero nem mais determinar o que deve ser feito para o almoço, nem para o jantar. Tudo aqui, de agora em diante,

é seu. Faça como quiser. Já cumpri o meu dever, agora é a sua vez”.

E assim foi feito. Discretamente ela se afastou das panelas, do fogão, das receitas e das obrigações. Foi viver com uma das filhas em Belo Horizonte, as outras filhas foram também para a casa da irmã, que recebeu a todos com muito carinho e, posso dizer sem nenhum medo de errar: eu nunca vi uma idosa tão bem cuidada, tão amada, tão querida como aquela pobre menina da roça do norte da Itália que teve, no fim da vida, o melhor que a vida poderia lhe proporcionar: amor, respeito, carinho e dedicação de todos os que a cercavam.

Ao aceitar o convite para ir viver em Belo Horizonte, ela fez uma exigência: aceitaria com a condição de que a família promettesse que, quando chegasse a sua vez de ir para a Casa do Pai, seu corpo fosse levado para Juiz de Fora para ser sepultado ao lado do marido Remo. Promessa feita, tudo bem. “Vou para Belo Horizonte porque a maior parte da família já lá se encontra”.

Faleceu em junho de 1961, aos 94 anos, e foi levada para Juiz de Fora, para o Cemitério Municipal, onde todos os anos os filhos e alguns netos a reverenciavam, como ela tanto merecia.

CONTO DE MARIA

Andréa Moreira

Maria nasceu num pequeno povoado, daqueles de procissão e mercearia com conta na caderneta. Seus pais também nasceram lá, assim como seus avós, tios e primos. Aos seis anos seu pai lhe deu um pequeno tamborete para alcançar a pia da cozinha, sempre entulhada de vasilhas. Nas horas vagas e raras brincava de bonecas, vivas, seus irmãos menores. A escola era seu jardim secreto. Refúgio das ordens gritadas o dia inteiro por sua mãe. A professora, sua musa, era uma mulher magra e alta, dotada de algo que jamais entrara em sua casa: batom, brincos, pulseiras e perfume. Dona Vera era um exemplo de mulher. Letrada e bela, tudo que Maria desejava ser.

Os dias se passavam letárgicos e quentes. Suas pernas cresciam e suas curvas tornavam-se sinuosas. Seu pai, sabido dos caminhos da volúpia, tratou logo de levar a preciosa menina de olhos de esmeralda para “ajudar” no trabalho. Quero essa menina debaixo de meus olhos, dizia ele cabreiro aos quatro ventos, para que todos os gaviões pudessem ouvir. Assim, Maria cuidava infinitamente dos enormes galpões da granja onde seu pai era o distinto encarregado.



www.editorapenalux.com.br

 penaluxeditora@gmail.com

 [/editorapenalux](https://www.facebook.com/editorapenalux)